



AÇÕES INTEGRADAS PARA A CONSERVAÇÃO DO ESPAÇO CULTURAL NHÁ RITA – ECOMUSEU DO CIPÓ.

SILVA, Beatriz Maria Fonseca

Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura. Programa Pós Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável.
beatriz.maria80@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo descreve as ações do Projeto ECOMUSEU DO CIPÓ – ESPAÇO CULTURAL NHÁ RITA, patrocinado pelo Fundo Estadual de Cultura de Minas Gerais, realizado no período de 06 de fevereiro a 30 de junho de 2018. O projeto objetivou a reorganização da sala de memória denominada Espaço Cultural Nhá Rita, inaugurada em 2005, na senzala da Fazenda do Cipó. A fazenda localizada na Serra do Cipó, em Minas Gerais é uma importante construção do período colonial brasileiro, tombada pelo município de Jaboticatubas em 1996. Integra as ações do Ecomuseu do Cipó, que é gerido pela ONG Baí desde 2011. Em consonância com o conceito de Ecomuseu, o projeto reuniu a comunidade, os gestores do projeto e a equipe técnica contratada em prol da salvaguarda dos bens culturais materiais e imateriais contidos no Espaço Cultural Nhá Rita.

Palavras-chave: Ecomuseu; patrimônio cultural; conservação.

ABSTRACT

This article describes the actions of the ECOMUSEU DO CIPÓ Project – ESPAÇO CULTURAL NHÁ RITA, sponsored by the Fundo Estadual de Cultura de Minas Gerais, carried out from february 6 to June 30, 2018. The project aimed at reorganizing the memory room called Espaço Cultural Nhá Rita, set in the slave quarters of Fazenda do Cipó. The farm represents an important construction of the Brazilian colonial period. It is located in Serra do Cipó, Minas Gerais, and it was also listed by the municipality of Jaboticatubas in 1996. The NGO Baí has been responsible for the actions of Ecomuseu do Cipó since 2011. According with Ecomuseum concepts, the project brought together the community and the technical team in order to safeguard the material and immaterial cultural assets contained in the Nhá Rita Cultural Space.

Keyword: Ecomuseum; cultural heritage; conservation

A FAZENDA DO CIPÓ

Falar do Espaço Cultural Nhá Rita é voltar no tempo, em meados do século XVII, quando bandeirantes embrenhavam pelo interior de nossas terras. Fundada pelos irmãos Felício e João de Moraes, cultivadores de mamona. Sua localização, quase no sopé da Serra do Espinhaço, a beira do Rio Cipó, favorecia o descanso dos antigos viajantes para o interior de Minas. Posteriormente, no século XIX, foi adquirida pelo guarda-mor José dos Santos Ferreira. O novo proprietário ampliou a produção agrícola, plantando feijão, milho e arroz, introduzindo também a criação de animais.

A inauguração da pequena ermida em 26 de abril de 1829 na sede da fazenda foi celebrada com cerimônia religiosa presidida pelo Padre José dos Santos Vianna, filho do proprietário. A capela foi restaurada e revitalizada com pintura no forro em 1891, pelo artista Benedito Santeiro, da cidade de Santa Luzia, Minas Gerais. Ao longo dos anos, a fazenda continuou a ser administrada pelas gerações da família Santos Ferreira, chegando a ser o maior centro da região, com plantação de cana de açúcar, algodão e trigo. Possuía escravos, máquinas agrícolas, moinhos e engenhos de açúcar. O administrador Juca Cipó, também da família Santos Ferreira, ficou conhecido na região pela notória generosidade (MARQUES, 1957).

Após a abolição da escravatura os antigos escravos formaram comunidades nas redondezas, destacam-se os grupos: Açude, Xiru, Berto, Cardoso, Batista, Paraúna, Paulino, Zareia. A comunidade do Açude foi reconhecida oficialmente como comunidade quilombola.

O culto religioso realizado periodicamente na capela da fazenda, a Capela São José, as comemorações partilhadas com a comunidade ao longo dos anos, fizeram com que a fazenda se tornasse um referencial cultural e social da região. Até os dias atuais, mesmo sem a produção agrícola, a Fazenda do Cipó reúne e festeja, mantendo tradições com a participação dos moradores e turistas que passam pela Serra do Cipó. Celebrações têm calendário permanente, casamentos são celebrados na pequena Capela São José, e o espaço da varanda da fazenda torna-se uma extensão da pequena capela. A "reza" diária do terço, missas, a decoração do altar com flores da região, coroações de Nossa Senhora no mês de Maio, festas juninas, etc., são organizadas com a participação de Dona Antônia (90 anos) e Dona

Fabíola (87 anos), proprietárias, moradoras da fazenda e descendentes da família Santos Ferreira.

Importante ainda ressaltar que a primeira escola da região, oficializada em fevereiro de 1911, a Escola Rural Mista do Cipó, foi organizada em um espaço da Fazenda do Cipó, cedido pelo morador Carlos Augusto dos Santos Pinto. A primeira professora foi Izabel dos Santos Ferreira, conhecida como Sinhazinha.

Marca-se assim, a relevância da Fazenda do Cipó e do Espaço Cultural Nhá Rita no contexto histórico, cultural, social e econômico de Minas Gerais.

O ESPAÇO CULTURAL NHÁ RITA

O Espaço Cultural Nhá Rita foi inaugurado em 2005, por iniciativa de Maria Stela Ferreira, moradora da Fazenda e também uma das gestoras do Ecomuseu do Cipó. Integra o circuito do Ecomuseu. O acervo reúne objetos e documentos que estavam guardados na fazenda ou foram cedidos por moradores antigos do Cipó. Estes objetos representam as atividades e acontecimentos da região, desde o século XVII até os dias atuais.

O painel de apresentação do Espaço Cultural Nhá Rita, elaborado pela museóloga Thelma Palha, para a reinauguração do espaço, justifica com clareza a sua relevância:

Nos setecentos, período em que a Capitania Mineira vivia a sede do ouro, o ir e vir de negociantes e mascates seguiam os traçados dos primeiros caminhos abertos. Caminhos esses que levavam ao interior culturas, riquezas, histórias e descobertas. Das longas terras, partiam os caminhantes e por onde passavam deixavam pequenas vilas e um escopo social. Nesse sentido, a história de Minas está intimamente ligada à antiga Serra da Lapa, hoje Serra do Cipó, um dos conjuntos naturais mais exuberantes do estado, na Estrada Real. E ainda mais, a Fazenda do Cipó, primeira da região, sendo um antigo rancho de bandeirantes, com edificações históricas e uma senzala, que atualmente abriga o Espaço Cultural Nhá Rita, sendo uma homenagem à moradora Rita Josina dos Santos Pintos, que viveu no local entre 1880 e 1937. Figura muito estimada, devido à sua contribuição humanitária junto à comunidade, era ela quem cuidava da saúde local, promovia celebrações religiosas e, com ajuda de sua mãe, criou muitos filhos adotivos. O Espaço Cultural Nhá Rita, inaugurado em 2005, é composto por documentos e objetos de relevância histórica, situados entre os séculos XVIII e XX, que retratam os acontecimentos e técnicas produtivas da região, assim como, refletem as grandes mudanças históricas e os acontecimentos do país, a exemplo da passagem da utilização da mão de obra escrava para mão de obra livre. O acervo sobreviveu, até então, pelo zelo das gerações mais anciãs [...] (PALHA, 2018, s.p).

A reorganização do Espaço Cultural Nhá Rita se deu através do patrocínio do Fundo Estadual de Cultura (FEC) do estado de Minas Gerais - Projeto Ecomuseu do Cipó - acervo Espaço Cultural Nhá Rita 0182/01/2016/FEC. O edital contemplou, além de outros recursos, a contratação de uma museóloga e uma conservadora-restauradora com o objetivo de adequar a expografia e a conservação do acervo. O cronograma estabeleceu seis meses para a execução do projeto, que foi iniciado em fevereiro de 2018. A reabertura oficial aconteceu em 02 de julho de 2018, com ato solene de reinauguração, visita mediada, manifestações culturais, barraquinhas, tudo dentro do estilo dos festejos locais.

O PROJETO ECOMUSEU DO CIPÓ – ACERVO ESPAÇO CULTURAL NHÁ RITA: DESAFIOS E REALIZAÇÕES

A equipe técnica contratada para desenvolver o projeto e coordenar as atividades de conservação e exposição trabalhou conjuntamente com os gestores do Ecomuseu, profissionais da região, moradores da fazenda e de localidades próximas, e, pode-se afirmar que esta relação de troca de saberes, foi responsável pelo resultado final do projeto.

Os critérios adotados para conservação do acervo passaram por reflexões acerca do conceito de Ecomuseu que preza a valorização do território, da comunidade e dos bens culturais de referência. Este modelo de museu integra valores tangíveis e intangíveis, território, comunidade, identidade, memória, tempo e sustentabilidade. Faz parte do movimento da Nova Museologia estabelecido por volta dos anos 70, a partir da Mesa redonda de Santiago do Chile, organizada em 1972 pelo Conselho Internacional dos Museus (ICOM), cuja concepção partiu dos trabalhos de Henri Rivière e Hugues de Varine, os primeiros secretários gerais do ICOM. Destacamos a seguinte definição de Rivière sobre ecomuseu:

[...] um espelho onde a população se contempla, para nele se reconhecer, onde ela procura a explicação do território a que está ligada, juntamente com a das populações que a precederam, da descontinuidade ou continuidade das gerações. Um espelho que a população mostra a seus hóspedes para que eles a compreendam melhor, no respeito pelo seu trabalho, pelo seu comportamento, pela sua intimidade. (RIVIÈRE, 1989, p. 142, tradução nossa).

Neste contexto, a participação da comunidade tornou-se imprescindível. O Espaço Cultural Nhá Rita, além de contar a história do local, através dos objetos, sendo uma estrutura do percurso do Ecomuseu do Cipó, tem a missão de transformar os habitantes em coparticipantes, protagonistas, no processo cultural que envolve todas as ações do Ecomuseu.

A nova proposta expográfica e os protocolos para o tratamento de conservação dos objetos foram elaborados conjuntamente, aliando conceitos da Museologia e Conservação de Bens Culturais, com as diretrizes e orçamento estabelecidos pelo projeto. O conhecimento teórico e técnico dos profissionais envolvidos, aliados à experiência dos moradores e profissionais da região no tocante às características construtivas do local, viabilizou colocar em prática propostas sustentáveis e apropriadas para o espaço. A execução do projeto envolveu ainda voluntários da comunidade, sendo que alguns se tornaram monitores do Espaço Cultural Nhá Rita após sua reabertura.

AS AÇÕES DE SALVAGUARDA

No campo da Conservação de Bens Culturais os procedimentos de Conservação Preventiva visam ampliar a segurança e integridade física dos objetos. Através de protocolos e ações de prevenção pode-se proteger de forma mais segura os bens que compõem os acervos, seja em salas de exposições temporárias, instituições museológicas de grande ou pequeno porte, bibliotecas e arquivos. O campo abrangente do trabalho preventivo abarca procedimentos em todos os setores de gestão, desde a organização, segurança, exposição e limpeza. As investigações compreendem a inter-relação dos fatores intrínsecos e extrínsecos aos bens culturais.

Onde ontem se viu objetos, hoje se vê coleções. Onde se viu salas, hoje se vê edifícios. Onde se viu uma pessoa, hoje se vê uma equipe. Onde se viu despesas em curto prazo, devemos ver investimentos de longo prazo. Onde se viu ações diárias, devemos ver programas e prioridades. Conservação preventiva significa fazer um seguro de vida para museus e coleções (GUICHEN, 1995, p. 4. Tradução nossa).

Seguindo este conceito, o primeiro procedimento foi a realização do Diagnóstico para Conservação Preventiva. A função deste relatório é avaliar as condições expositivas de forma ampliada, partindo das características ambientais do macro

ambiente, chegando até a vitrine ou suporte onde fica exposto o objeto (MICHASKI, 2009). Abrange ainda, a investigação sobre como os fatores ambientais influenciam na preservação, de acordo com a tipologia e vulnerabilidade de cada objeto. As camadas ao redor do acervo podem determinar ou não uma proteção e segurança para os mesmos. E, ao se propor uma exposição permanente ou temporária em uma antiga senzala muitos são os desafios de preservação. Este relatório apresentou os principais agentes de riscos, relacionados à estrutura arquitetônica e a vulnerabilidade dos objetos, conforme demonstra o Quadro 1.

Quadro 1: Relação fatores de deterioração X Ações propostas

Estrutura	Fator de deterioração	Ação proposta
Piso	Material: Terra batida. Bastante irregular (pode causar instabilidade para as vitrines e até mesmo para visitantes). Excesso de poeira.	Nivelamento Nova colocação de terra com aditivo para manter mais impermeável e limpa. Demanda limpeza constante com aspirador de pó.
Paredes	Técnica: Pau a pique. Material: Terra, bambus, madeira. A madeira apresentava ataque de insetos xilófagos, com galerias aparentes, desgastes do acabamento, áreas de apodrecimento e de perda de suporte. As paredes em pau a pique por ter como matéria prima a terra têm propriedades capilares, apresentando patologias relativas à umidade. A madeira é muito suscetível à infestação biológica. Cupins são comuns na região e foram encontrados nas estruturas que compõem as senzalas.	Novo acabamento com barro e caiação. Tratamento nas madeiras (inspeção detalhada das áreas infestadas por ataque biológico, avaliação de danos, tratamento curativo e preventivo). Substituição de partes deterioradas que implicavam na segurança do espaço. Limpeza profunda das peças de madeira.
Teto	Telhas de cerâmica e estrutura em madeira. O teto foi recuperado recentemente e não foi identificado sinais de telhas quebradas. Porém as peças de madeira e mesmo as telhas apresentavam-se com sujidades e algumas frestas que facilitam a entrada de insetos e particulados e umidade.	Limpeza e tratamento das madeiras. Colocação de um forro protetor para evitar entrada de insetos e particulados pelas frestas das telhas. Desinfestação.
Portas	Portas em madeira pintada. Identificamos frestas na parte inferior e sinais de apodrecimento na base dos marcos. Pelas frestas podem entrar insetos e pequenos animais, além de particulados.	Recuperação das partes danificadas. Complemento das áreas de perda. Tratamento da madeira. Desinfestação. Execução de uma estrutura com tela para favorecer a ventilação e proteção quando a porta ficar aberta.

Fonte: Fonte: a autora (2018)

O trabalho de recuperação e tratamento das estruturas internas de madeira foi realizado pelo marceneiro, Sr. Antônio Croce Gomes de Souza, o mesmo profissional responsável pela primeira montagem em 2005. A recuperação das paredes de pau a pique e piso de terra batida ficaram sob a responsabilidade do técnico em construções tradicionais o Sr. Máximo Luiz do Patrocínio, conhecido por Buiú, e seu assistente Sr. Amauri Valter dos Santos, todos da região do Cipó.

Na continuidade dos estudos sobre as condições ambientais adequadas a questão da ventilação interna demandou uma profunda avaliação. O local possuía mínima circulação de ar e grande índice de umidade. Sabe-se que falta de ventilação acarreta uma má qualidade do ar no interior, contribuindo ainda para a proliferação de mofo e fungos (GONÇALVES, 2013; MICHASLKI, 2009). A ventilação é apontada como estratégia bioclimática eficiente para o conforto térmico e bons resultados dependem, principalmente, da observação do projeto arquitetônico quanto à orientação do edifício, dimensão e formato, localização e tipologia de aberturas, relevo e vegetação ao redor (LAMBERTS, 2016). Portanto, fez-se necessário observar o entorno e estudar detalhadamente a estrutura arquitetônica, para solucionar a problemática da falta de circulação de ar adequada no interior dos ambientes expositivos. Como solução criou-se pequenas aberturas na parede de fundo das salas. Ao abrir as portas de entrada dos ambientes este recurso promoveu uma ventilação cruzada, melhorando assim a qualidade de ar no interior, tanto para a conservação dos objetos, quanto para os visitantes. Todas as aberturas foram protegidas com telas, para evitar entradas de insetos e particulados. Como a edificação é tombada pelo município, esta alteração foi oficialmente comunicada ao órgão de patrimônio local e aprovado sem restrições, visto que a fachada permaneceria inalterada.

Estabelecidas as propostas de restauro para a edificação, o foco passou para os objetos selecionados para compor o discurso expográfico concebido por Thelma Palha. O projeto definiu 3 espaços distintos a saber:

Espaço 1: refere-se ao primeiro cômodo da senzala, medindo cerca de 320 x 660cm. Este espaço não apresentava muitas alterações estruturais, mantendo-se bem próximo da aparência da antiga senzala. E, devido a isso, foi trabalhado como ambiente introdutório, a proposta era apresentar de forma mais realista o local onde dormiam os antigos escravos. Os únicos objetos inseridos neste espaço foram os

tambus, réplicas de instrumentos musicais de origem africana, utilizados no Candombe, ritual que ainda nos dias de hoje é praticado pelas comunidades do Cipó. O painel que introduz a exposição destaca:

Na reinauguração do Espaço Cultural Nhá Rita, reservamos um cômodo da Senzala, mantendo-o na forma mais original possível, para prestar homenagem àqueles que, mesmo de forma imposta em sua época, por aqui passaram e deixaram sua contribuição, seja no trabalho ou na cultura, ainda hoje, mantém vivas as raízes africanas do Cipó (PALHA, 2018, s.p.).

Espaço 2: este ambiente foi destinado à exposição temporária. Para a inauguração o tema homenageou Rita Josina dos Santos Pinto, a Nhá Rita, e seu filho Oduvaldo dos Santos Pinto. Possui a mesma dimensão do espaço 1. Os dois homenageados representam personagens de destaque na história da fazenda e região. Dona Josina é considerada uma benfeitora e querida pelos antigos moradores, sua história é contada para as gerações mais novas com carinho e respeito. Seu filho Oduvaldo, formado em engenharia pela Universidade Federal de Juiz de Fora, executou na região do Cipó pontes, açudes, etc. Após seu falecimento foram encontrados um grande número de objetos e documentos, guardados e cuidados por ele em seu quarto, e hoje integram o acervo do Espaço Cultural Nhá Rita.

Espaço 3: a terceira senzala mede cerca de 660 x 660, engloba o espaço de 2 senzalas. Este ambiente reúne a maior parte dos objetos na exposição permanente "Ofícios: Saberes e Fazeres da Serra do Cipó". Apresenta o ofício da marcenaria com os instrumentos tradicionais de trabalho, objetos de cestaria em palha e taquaras de bambu, peças cerâmicas de adorno e utilitárias, produzidos por pessoas da região. A técnica de construção tradicional (pau a pique) é apresentada na própria estrutura arquitetônica, algumas partes originais foram propositalmente deixadas aparentes, para que se perceba o modo de fazer. Parte da parede recebeu amostras coloridas das argilas encontradas na região. O espaço abriga também objetos da antiga escola, do engenho, dos tropeiros e da antiga cozinha. Dessa maneira, o percurso expográfico retrata e homenageia todos os que participaram da formação das comunidades tradicionais e história do Serra do Cipó.

Outra atividade importante que ampliou a visão dos integrantes do projeto foi à visita ao Museu de Artes e Ofícios (MAO) em Belo Horizonte. A observação do espaço expositivo do MAO, bem elaborado e a apresentação dos objetos com o devido

reconhecimento de bem cultural, a semelhança entre a tipologia de objetos, fez com que se valorizasse ainda mais o acervo do Espaço Cultural Nhá Rita. Os colaboradores, moradores da região do Cipó, não esperam encontrar naquele local grandioso, os objetos iguais aos que manipulavam na Fazenda.

Fica expresso nestas ações que o ato de conservar e restaurar vai além da aplicação das técnicas e teorias, da mesma forma que não se separa o valor material do imaterial dos objetos. A técnica praticada com sensibilidade e alteridade alcança, sem dúvida nenhuma, o objetivo maior da conservação: restabelecer os valores e a significação dos objetos.

É importante ainda ressaltar que os documentos originais não foram usados na exposição, pois, devido à fragilidade do acervo documental, achou-se indicado utilizar cópias. Os originais estão acondicionados na reserva técnica, que foi organizada para espaço de guarda e proporciona condições adequadas de conservação.

As figuras 1 e 2 apresentam detalhes do espaço antes e depois da execução do projeto.

Figura 1 – Imagem do Espaço Cultural antes da execução do projeto



Fonte: Arquivo do Projeto (2018)

Figura 2 – Imagem do Espaço Cultural depois da execução do projeto



Fonte: Arquivo do Projeto (2018)

Os procedimentos de conservação realizados estão descritos no Quadro 2 abaixo:

Quadro 2 - Procedimentos de conservação e restauração executados

Tipologia de objeto	Principais danos	Procedimentos realizados
Objetos de metal: prata, ferro fundido, cobre.	Ferrugem, corrosão, sujeira acumulada, abrasões, arranhões e manchas.	Todos os objetos receberam limpeza com trincha, pano úmido e quando necessários lavados com água e detergente neutro (para remoção de sujeiras aderidas). Para a remoção de ferrugem usou-se lixas e escovas de aço. As peças de ferro fundido eram as mais atingidas pela corrosão. Soluções de bicarbonato de Sódio e ácido acético auxiliaram na remoção de oxidações. Após este processo, com a peça limpa, seca, foi aplicada uma camada protetora de óleo mineral.
Objetos de madeira	Alguns objetos foram encontrados com sinais de ataque de insetos xilófagos, perda de suporte, sujidades e manchas diversas, algumas causadas por excesso de umidade, Arranhões e abrasões.	Higienização, tratamento curativo e preventivo para insetos xilófagos. Quando necessário complementou-se o suporte com massa feita com pó de serragem + adesivo PVA (50% em H ₂ O). Manchas e algumas sujidades foram removidas com lixa fina. Aplicou-se óleo de coco para hidratar a madeira.
Objetos em fibra natural	Os objetos em fibras de bambu e palha estavam em bom estado de conservação. Foram encontradas sujidades diversas e pequenas perdas de suporte.	Realizou-se uma limpeza com escova, pano úmido e álcool para remoção de manchas.
Objetos de couro	Os objetos de couro estavam com bastante sujidade aderida, algumas áreas desgastadas e fragilizadas. Apresentavam manchas de diversas naturezas.	Realizou-se uma limpeza com trincha, escova macia, pano úmido e emulsão especial para produtos de couro. Após a remoção das sujidades e manchas o couro foi hidratado com óleo de coco.
Tecido	Apresentavam sujidades e manchas diversas. Áreas desgastadas e fragilizadas.	Os objetos de tecido foram delicadamente lavados. O forro de uma almofada de renda de bilro teve que ser refeito devido à fragilidade e áreas de perda.
Papel	Os documentos, fotografias, cadernos, livros e demais objetos em papel apresentavam danos por infestação biológica, acidificação, manchas, furos, fragilidade do suporte e amarelecimento.	Os objetos foram higienizados com trincha macia e boneca de borracha, alguns reforços e complementação foram executados com papel japonês e metil. Acondicionados na reserva técnica.
Objetos cerâmicos	Estavam em bom estado de conservação, porém com sujidades diversas. Algumas peças estavam quebradas com perda de suporte.	Limpeza com trincha e pano úmido.

Fonte: a autora (2018)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações que promoveram a salvaguarda e a reabertura do Espaço Cultural Nhá Rita envolveram uma equipe multidisciplinar, entre profissionais da conservação, museologia, marcenaria, gestores, técnicos em construções vernaculares, estudantes, e demais colaboradores. A troca de saberes e experiências contribuíram favoravelmente para o resultado final. O espaço foi reinaugurado com o corte solene da fita feito pelas duas senhoras D. Antônia e D. Fabíola (Figura 3).

A visitação está inserida no roteiro do Ecomuseu do Cipó, em perfeita sintonia com as tradições e cultura local. O trabalho valorizou os objetos que agora se apresentam bem acondicionados e expostos, apresentando os ofícios e personagens que foram relevantes para a comunidade do Cipó e para a história de Minas Gerais.

Figura 3 – Reinauguração do Espaço Cultural Nhá Rita



Fonte: Ludy Coelho (2018)

REFERÊNCIAS

GÜICHEN, G ael de. La conservation preventive: un changement profond de mentalit . In: ICOM Cahiers d' tude N. 1, 1995, p. 4-6. Disponível em: http://icom.museum/study_series_pdf/1_ICOM-CC.pdf. Acesso: 29 mar. 2018.

GONÇALVES, W. de Barros. **Métricas de Preserva o e simula es computacionais como ferramentas para a conserva o preventiva de cole es**. Estudo de caso no Sítio Patrim nio Mundial Congonhas - MG. 2013. (Tese de doutorado). EBA/UFMG, Belo Horizonte 2013. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/JSSS-9GRH79>. Acesso em: 10 set 2017.

LAMBERTS, Roberto; *et al.* **Desempenho térmico de edifica es**. Florianópolis, LabEE, Universidade Federal de Santa Catarina, 2016. Disponível em: www.labee.ufsc.br/sites/default/files/disciplinas/ApostilaECV5161_v2016pdf> Acesso em: 14 de mai. 2018.

MICHALSKI, Stefan. Conserva o e Preserva o de acervo. In: **Como gerir um Museu**. Manual Prático. Paris: ICOM. 2004, p. 55.98. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184713por.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2017.

MICHALSKI, Stefan. **Humedad Relativa Incorrecta**. Canada: ICCROM, 2009. Disponível em <www.cncr.cl/611/articles-56474_recurso_10.pdf> Acesso em: 10 set. 2018.

PALHA, Thelma. **Painéis explicativos**. In: ESPAÇO CULTURAL NHÁ RITA. Ecomuseu do Cipó: 2018.

POMIAN, Krzystof. Memória. In: **ENCICLIPÉDIA EINAUDI**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2000. V.42 p. 507-516. Disponível em: <www.passeidireto.com/arquivo/45173041/pomian-krzystof--memoria>. Acesso em: 28 abr. 2017.

RIVIÈRE, Georges Henri. **La Muséologie selon Georges Henri Rivière**. Paris: Dunod, 1989.